



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II
AO ZIMBÁBUE, BOTSUANA, LESOTO,
SUAZILÂNDIA E MOÇAMBIQUE
10-19 DE SETEMBRO DE 1988

SANTA MISSA NO "LARGO DO GOTO" DA BEIRA

HOMILIA DO SANTO PADRE

Beira, Moçambique

Sábado, 17 de Setembro de 1988

“Todos os povos vos louvem, ó Deus! Todos os povos vos glorifiquem” (Sl 67 (66), 6)

1. REPETIMOS HOJE estas palavras do Salmista, em terra moçambicana. Repito-as aqui, juntamente convosco, meus amados irmãos e irmãs, filhos e filhas do Povo que habita esta hospitaleira e esperançosa terra: aqui, na Beira, centro de irradiação do Cristianismo no vosso País.

“Todos os povos vos glorifiquem, ó Deus, pela graça de me encontrar com a Igreja que aqui vive, também ela única grei, levantada entre as nações, oferecendo o Evangelho da Paz, como peregrina em esperança (Cfr. Unitatis Redintegratio, 2) , também ela empenhada em fomentar e elevar tudo o que de verdadeiro, bom e belo se encontra nesta comunidade dos homens (Cfr. Gaudium et Spes, 76).

Saúdo, com afecto, a Igreja aqui congregada, em nome do Senhor; e nos presentes – Pastores e fiéis – saúdo toda a Igreja que está em Moçambique. Saúdo, em especial, o Pastor desta Arquidiocese, Dom Jaime Pedro Gonçalves e o seu Bispo auxiliar e os demais Prelados, particularmente os das Dioceses sufragâneas de Quelimane e Tete, os Sacerdotes, os Religiosos e Religiosas, as pessoas consagradas, os vocacionados, os catequistas e animadores de comunidades e todos os fiéis presentes. Ao mesmo tempo, saúdo esta jovem Nação; saúdo-a pela sua independência; saúdo toda a população, com os ilustres Responsáveis pelos seus destinos. E quero aqui reconhecer os méritos de quantos têm vinco a edificar esta comunidade nacional, à custa de sacrifícios; e render homenagem aos muitos missionários, que têm labutado e labutam em toda a extensão de Moçambique por construir esta Igreja viva.

2. É para mim *motivo de alegria intensa* estar hoje aqui, a celebrar nesta Eucaristia a *graça da evangelização*, realizando ao mesmo tempo o serviço de Pedro na vossa terra; venho como peregrino do Evangelho e como missionário, mandado pelo Pai e por Jesus Cristo. Nesta Igreja missionária, por força do ministério pontifical, que um misterioso desígnio de Deus me confiou, eu tenho consciência de ser o primeiro responsável pela acção evangelizadora. E por isso

– como *Pastor da Igreja universal*, em obediência ao Bom Pastor venho “conhecer” e “apascentar” as ovelhas do seu rebanho, e dar-lhes a oportunidade de “verem Pedro” na pessoa do seu humilde sucessor como Bispo de Roma, que aqui vem realizar o mandato de “confirmar os irmãos”;

– como *Vigário de Cristo*, venho anunciar o Reino de Deus, desejando trazer a todos a sua bênção e a sua paz.

3. Venho, pois, a Moçambique – e hoje à Beira – *em nome de Jesus Cristo*. Ele – depois de ter realizado a sua missão de Messias na terra afirmou: “Todo o poder me foi dado no Céu e na Terra”; e deu aos Apóstolos o seguinte encargo: “*Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei*” (Mt 28, 18-20).

Os Apóstolos obedeceram prontamente. E desde então, cumprindo este mandato do Senhor Jesus, muitos missionários têm cruzado os caminhos do mundo inteiro. E chegou o tempo de essa ordem do Redentor do homem começar a realizar-se também entre os povos que habitavam o continente africano, ao longo da costa do Oceano Indico. E aqui começou a implantar-se a Igreja, que nasceu do Mistério pascal e se propaga pela missão dada por Jesus Cristo, o primeiro Evangelizador, aliás, o “Evangelho de Deus”.

4. A *história* diz-nos que, no final do século quinze, com os navegadores portugueses que aportaram à ilha de Moçambique, vinham nas suas caravelas alguns Sacerdotes *missionários*, trazendo o Evangelho como bagagem e a Cruz como distintivo. Entre estes, a história regista o nome de São Francisco Xavier, que, após alguns meses de permanência na ilha de Moçambique, prosseguiu a sua viagem para a Índia. Sucessivamente vieram novos missionários, da Ordem dos Dominicanos e da Companhia de Jesus, que aqui iniciaram o trabalho de evangelização.

Depois desse trabalho pioneiro, outras Famílias religiosas se vieram juntar aos primeiros que aqui “pregaram a Palavra da verdade e geraram igrejas”: (Sto. Agostinho *Enarrat. in Ps. 44, 23:CCL 38, 510*) dos Agostinhos aos Irmãos de São João de Deus, dos Franciscanos aos Padres de Cernache e aos Padres do Verbo Divino e Monfortinos, sem nomear os mais recentes.

No seu trabalho de evangelizar, não deixaram de contribuir também para a promoção social e cultural das populações deste território, que hoje forma a Nação Moçambicana. Em obediência às palavras do Mestre – “quem acreditar e for baptizado será salvo” (Mc 16, 16) – os missionários realizaram um trabalho amplo e meritório, apesar das limitações impostas pelo condicionalismo das diversas épocas. Comprova-o a vossa presença aqui, neste dia.

5. São conhecidas as *não fáceis condições* em que, no presente, aqui se processa a caminhada do Evangelho e os entraves ao dinamismo do Reino, para a realização plena do mandato: “fazer

discípulos” e ensiná-los a cumprir “tudo quanto” o Senhor mandou. E isso não provém apenas de falhas do passado; mas de toda uma situação de procura de caminhos novos, nesta jovem Nação.

O *quadro* frequentemente *descrito pelos missionários* que vivem convosco não é sem sombras, por causa da predominante situação de insegurança, devida à violência, que, como sempre, gera violência, ansiedade e morte, ficando limitados os espaços de liberdade. Isto agrava-se ainda, quando se dá a ampliação e a socialização da atitude de, singular e colectivamente, os homens se fecharem à transcendência, se fecharem a Deus. Mas não quereria deixar de reconhecer aqui os esforços que estão a ser feitos, neste momento, para estas dificuldades serem superadas.

Uma *sociedade* – sabemos-lo – *depende do tipo de homens* que a constituem; e o seu desenvolvimento autêntico e integral não pode prescindir da *realidade e da vocação do homem, da igualdade fundamental das pessoas*, com todos os seus direitos e deveres. E quando prescinde, isso vai repercutir-se também na família, na escola, nos grupos intermediários legítimos e, por fim, na sociedade como tal.

Com efeito, enquanto os indivíduos e as comunidades não virem rigorosamente respeitadas as exigências morais, espirituais e culturais, fundadas na *dignidade da pessoa humana e na identidade de cada comunidade*, todos os demais bens resultarão insatisfatórios. É, afinal, o que o mesmo Senhor advertia, relacionado com a hierarquia dos valores: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?” (*Mt 16, 26*; *Sollicitudo Rei Socialis.*, 29-33)

6. Não obstante os obstáculos encontrados, a *Igreja de Cristo*, chamada a seguir pelo caminho que Ele trilhou, quando realizou a obra da Redenção na pobreza e na perseguição, continua a caminhar. E para isso encontra forças no poder do Senhor ressuscitado (Cfr. *Lumen Gentium*, 8). Atendo-nos, mais uma vez, às palavras do Salmo responsorial, repitamos a súplica: “*Deus se compadeça de nós... resplandeça sobre nós a luz do seu rosto*” (*Sl 67 (66)*, 5).

Esta “luz do rosto de Deus” resplandece entre os homens, quando a vida social se desenrola segundo o *espírito da justiça e da paz*. A verdade e a justiça ligam o céu e a terra, em perfeita harmonia, desde o momento em que “a terra germinou o Justo”, Jesus Cristo, que é a nossa paz. Ele é o “fruto” de uma terra tornada fecunda pelo Espírito Santo; *incarnou e realizou a nossa salvação*, que se abre no sentido de um aperfeiçoamento da terra dos homens, originando e sustentando a nossa esperança. Por isso, continua a oração do Salmista: “Exulte o mundo de alegria, pois o julgais com justiça; julgais os povos com equidade e governais as nações sobre a terra” (*Ibidem*).

7. Evangelizar a Boa Nova do Reino, “que vem e que já começou”, é a missão perene da Igreja “até ao fim do mundo” como comunidade de esperança e de amor fraterno: “*Na terra se conhecerão os seus caminhos; e entre os povos a sua salvação*” (*Ibidem*, 11). Também nesta terra e entre este Povo de Moçambique.

Evangelizar, “é antes de mais der testemunho, de maneira simples e directa, de Deus revelado por Jesus Cristo no Espírito Santo” (*Evangelii Nuntiandi*, 26); é testemunhar que “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único” (*Jo 3, 16*); que Deus é Pai, rico em

misericórdia, continuamente a oferecer aos homens a possibilidade de entrarem e viverem no âmbito da salvação. Evangelizar é, ainda, empenhar-se para que se realize a petição do “Pai-nosso”: “venha a nós o vosso Reino”.

Neste Reino entra-se pela *graça baptismal*: “baptizai-os, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19); e nele se permanece e se vive mediante um esforço contínuo de *conversão* e o recurso à vida sacramental, a fim de poder “cumprir tudo quanto” o Salvador nos mandou e quis nos fosse ensinado, a partir de quando pedimos à Igreja o dom da fé, para a vida eterna, no Baptismo.

8. A salvação, como anúncio profético do Além e como vocação profunda do homem, está ao mesmo tempo em continuidade e em descontinuidade com a sua situação histórica presente, no cenário deste mundo que passa (Cfr. 1 Cor 7, 31).

Mas deve marcar o homem, os seus valores, a sua convivência social e a consciência de si mesmo. *Em Cristo e por Cristo, nasceu o “homem novo”, com aquela novidade de “justiça” e “santidade” que lhe foi obtida pelo Mistério pascal. E é com “homens novos” que hão-de surgir as sociedades novas.*

Mas para que a mensagem da salvação, o Evangelho, influencie de facto a vida do homem moçambicano, é preciso que ele o entenda e o veja como um bem para si, como um valor que pode trazer-lhe um enriquecimento. *Põe-se o problema da inculturação.*

9. *É um trabalho importante e delicado, que exige discernimento, seriedade, competência e respeito, a fim de transpor sem traição à sua verdade essencial, toda a mensagem do Evangelho para uma “linguagem”, em sentido lato, que possa tronar-se a “linguagem” deste homem moçambicano, no seu “diálogo” com Deus e com os irmãos. Quero exprimir aqui a *dúplice confiança*:*

– *em Deus*, cuja Palavra incarnou em Jesus Cristo: “O Verbo fez-se homem e habitou entre nós” (Jo 1, 14). Ao assumir assim as dimensões da nossa história e o rosto do nosso mundo revestiu-se da “nossa” cultura e tomou sobre si o peso das nossas situações. Compartilhou e fez-se partilha. Está aqui o modelo a imitar, para que a evangelização possa dizer-se, nalgum sentido, prolongamento da revelação que Deus fez de si mesmo;

– *nos Pastores e directos colaboradores* nesta terra moçambicana, que têm dado provas de sabedoria e facto, no esforço de conjugar de forma harmoniosa as exigências do Evangelho com os traços da cultura local, com atenção à presença da Igreja universal.

Devendo entrar em contacto com todos os povos e todas as culturas, a Igreja quer *enriquecer-se com os valores verdadeiros que aí encontra.*

E a experiência ensina-lhe que é pastoralmente frutuoso usar expressões *culturais peculiares* de um povo, por exemplo, no sistema de relacionamento dentro da comunidade, na pregação, na catequese e na liturgia. Mas neste campo há que respeitar, com amorosa e total fidelidade, os textos e os ritos que a legítima Autoridade deliberou excluir do âmbito da criatividade de pessoas e de grupos.

10. Neste momento, vive-se em Moçambique uma experiência eclesial da caridade, na esperança da *reconciliação do homem* com Deus, consigo mesmo e com os outros. O Evangelho é reconciliação e é comunhão.

E alegro-me por saber que a Igreja está bem cónscia de que aquilo que tem a dizer aos homens, como Igreja, não nasce simplesmente de uma situação peculiar e não é mero resultado de reflexões humanas: *tem a sua fonte em Jesus Cristo*, “o mesmo ontem, hoje e para sempre” (Hb 13, 89).

O Evangelho é *escuta e diálogo*, que exige valentia e coragem apostólica. *Deus fala e quer falar, através do presente condicionalismo, ao Povo moçambicano*. E compete aos pastores, interpretar essa fala às comunidades cristãs. Muito tem feito, apesar das dificuldades. Mas *muito resta ainda por fazer*. Este povo, *que se interroga*, será portador, certamente de *mensagens* que preconizam um futuro mais humano para os Moçambicanos. A luta por salvar a vida própria e a dos seus semelhantes, impelidos por sentimentos de caridade e de solidariedade, não deixará de plasmar, mais tarde ou mais cedo, a grande família da Nação. 11. A *acção evangelizadora global*, deve prosseguir, sem quebra nem esmorecimento. Neste momento, em que circulam com frequência *notícias tristes* em Moçambique e de Moçambique, é preciso apontar a todos o projecto de salvação de Deus, exarado na Bíblia: a Boa Nova da alegria pelo Salvador, que veio instaurar o Reino da fraternidade e da paz entre todos os homens.

Que continue o *diálogo dos Responsáveis da Igreja*, com quem de direito, *em prol da vida e da liberdade* e para alcançar as *infra-estruturas* necessárias à evangelização, como serviço de valorização integral do homem e da sociedade. A Palavra e o Espírito da verdade não podem senão ter em vista educar no respeito, fazer crescer no amor, purificar e libertar da ambiguidade, restituindo às pessoas a sua dignidade e liberdade: “A verdade vos tornará livres” (Jo 8, 32).

12. Depois da sua ressurreição – e antes de voltar para junto do Pai – Cristo Senhor permaneceu com os seus discípulos preparando-os para o dia do Pentecostes: “*I des receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo*” (At 1, 8).

Sereis minhas testemunhas também em *terras de Moçambique*. Hoje as testemunhas de Cristo ressuscitado em Moçambique sois vós: todos aqueles que escutando e acolhendo a Palavra de Deus, se empenham em viver cristãmente, cada um segundo a sua vocação, e testemunham, mesmo silenciosamente, a Boa Nova da salvação. É um compromisso de todos os baptizados que, tendo recebido o dom da fé, se sentem adultos em Igreja, responsáveis na comunidade e conscientes da adesão e pertença ao Reino do Rei-Servo e Sacerdote-Profeta, Jesus Cristo.

É *obrigação que incumbe* aos Bispos e Sacerdotes, aos membros dos Institutos de vida consagrada e aos Leigos; e dentre estes, em especial aos comprometidos no apostolado, aos pais de família, aos padrinhos, aos catequistas, aos animadores das comunidades; mas também aos jovens, às pessoas idosas, aos que sofrem, enfim, a *todo o Povo de Deus* (Cfr. *Ad Gentes*, 35-41).

A evangelização é uma obra de fé, mas é também arte; e como tal exige preparação e uso de meios adequados. Conheço os esforços e sacrifícios que fazeis neste sentido, para que o

Evangelho se expanda e crie raízes na alma do vosso povo. Encorajo-vos a prosseguir, na certeza de que o principal compromisso do evangelizador é com o Evangelho; e o resto, embora urgente, é subsidiário (Cfr. *Mt 6, 33*).

13. Juntamente convosco uma vez mais, com as palavras inspiradas do Salmista, suplico: “Deus se compadeça de nós!” *Deus se compadeça do vosso País!* E vos dê a sua bênção, para continuardes a actividade evangelizadora, que vos impele a revelar a todos, pequenos e grandes, “o mistério escondido desde séculos às gerações passadas” (Cfr. *Cl 1, 26*). E que resplandeça sobre vós a luz do seu rosto!

Sim! Que Deus faça resplandecer a luz do seu rosto e ilumine os caminhos, pelos quais deve enveredar Moçambique em direcção ao futuro: a sociedade e a Igreja!

No momento em que o Senhor Jesus “enviava” os Apóstolos por todo o mundo, primeiro disse-lhes: “ *Todo o poder me foi dado no Céu e na Terra*”. Não se trata, obviamente, de um poder temporal, nem político. É o poder de decidir quanto ao Reino de Deus na terra: é o poder *sobre o pecado e sobre a consciência* de todos e cada um dos homens.

É o poder que foi *consolidado pelo Sacrifício da Cruz* e que foi revelado na Ressurreição pela vitória sobre a morte.

É o poder que não é de origem humana: mas, *verdadeiramente, de origem divina*.

É revestido da autoridade que esse poder lhe confere, que Jesus fala aos Apóstolos no momento da separação visível: e, pelos Apóstolos, fala à Igreja, ao longo de todas as gerações: fala-nos, aqui e agora, a nós em Moçambique.

“*E Eu estou sempre convosco, todos os dias, até ao fim do mundo*” (*Mt 28, 20*). Também aqui, com os missionários, antes de nós. E, hoje, connosco!

No meio de todos os sofrimentos e provações do nosso tempo, que estas palavras se tornem para nós, cada vez mais, motivo de firmeza e nos sirvam de apoio.

Glória a Vós, Rei dos séculos!

Amém.